

**TRAVESSIAS: A ADOLESCÊNCIA EM NOVOS
ALAGADOS:
trajetórias pessoais e estruturas de oportunidade em um
contexto de risco psicossocial**

SANTOS, José Eduardo Ferreira¹

BASTOS, Ana Cecília de Sousa²

Resumo: O presente estudo buscou identificar e descrever as experiências ligadas à adolescência em um contexto de risco psicossocial, em Novos Alagados, favela de Salvador, Bahia. Orientado pela abordagem ecológica do desenvolvimento humano e numa perspectiva interdisciplinar, o estudo assume a adolescência como um construto psicossocial. Adotou-se uma metodologia qualitativa, baseada na observação participante e no estudo de casos, lançando mão de múltiplos recursos: entrevistas narrativas, observações, diários e cadernos de campo e fotografias. O extenso material qualitativo reunido (parte dele longitudinalmente) foi organizado em dois níveis de análise: 1) descrição do contexto: espaços, cenários, atividades e práticas dos adolescentes; 2) estudo de quatro casos tomados como exemplares do que significa ser adolescente em Novos Alagados. Destacam-se, dentre eles, o papel dos projetos sociais, da música e da cultura como formas de socialização e inserção; a atuação suportiva da família, das relações proximais; o impacto da violência; aqui denominada de “desterro”, a vitimização.

Palavras-chave: Adolescência. Fatores de risco e proteção. Violência. Novos Alagados. Desenvolvimento em contextos culturais.

Abstract: The present study aimed to identify and to describe experiences linked to adolescence in a context of psychosocial risk, in Novos Alagados, a slum in Salvador, Bahia. Guided by the ecological approach of human development and adopting an interdisciplinary perspective, this study assumes adolescence as a psychosocial construct. A qualitative methodology was adopted, based on participant observation and case studies, using multiple resources: narrative interviews, observations, field notes and photography. The extensive qualitative material gathered (in part longitudinally) was organized in two levels of analysis: 1) context description: spaces, sceneries, activities, and adolescents' practices; 2) study of four cases taken as representatives of what means to be an adolescent in Novos Alagados. Among them, it stood out the role of the social projects, music, and culture as a way for socialization and for social insertion, as well as the support given by family members and proximal relationships, on one hand, and the impact

1 Mestre em Psicologia (UFBA), Doutor em Saúde Pública (ISC/UFBA).

2 Psicóloga, Doutora em Psicologia (UNB), Professora Associada do Instituto de Psicologia da UFBA. Professora da UCSAL. Pesquisadora I-D do CNPq.

of violence, here called "exile", and the victimization, on another.

Key words: Adolescence. Risk and protection factors. Violence. Novos Alagados. Development in cultural context.

Introdução

O que é ser adolescente em um contexto de risco psicossocial? Quais os significados, características e as percepções expressas pelos adolescentes em um contexto de pobreza urbana, numa favela? Por quais domínios ou cenários cotidianos transitam os adolescentes de Novos Alagados ao longo de sua trajetória de desenvolvimento? Como as experiências e interações, dentro desses domínios, podem direcionar trajetórias de desenvolvimento?

Foi a partir dessas questões que o presente artigo procurou identificar e descrever as experiências ligadas ao ser adolescente em um contexto de risco psicossocial, na favela de Novos Alagados - Salvador, Bahia, analisando estruturas de oportunidade e trajetórias pessoais nesta etapa de desenvolvimento humano.

Metodologia

O estudo foi realizado a partir de uma abordagem qualitativa, de cunho etnográfico (LAPLANTINE, 2000; TEDLOCK, 2002; GEERTZ, 1988), com ênfase na observação participante e no estudo de casos (BECKER, 1994), utilizando-se Entrevistas Narrativas (JOVCHELOVITCH E BAUER, 2002).

O trabalho de campo se deu em três momentos específicos: a) em 1994, com a inserção do pesquisador em projeto social de Novos Alagados, no qual foram realizadas as primeiras entrevistas e depoimentos com os adolescentes; b) em 1996 – a partir do registro dos primeiros cadernos e diários de campo, e, por fim, c) em 2002/3 – Novos registros em cadernos e diários de campo e entrevistas. A partir dessa múltipla utilização de estratégias de pesquisa, o material qualitativo reunido constituiu-se de narrativas, depoimentos, textos de cadernos e diários de campo, observações, fotografias sobre a adolescência local.

A análise dos dados foi realizada a partir de dois recortes: um transversal, indicando os cenários, espaços e domínios do ser adolescente em Novos Alagados; e o outro longitudinal, considerando a quatro casos ao longo de suas trajetórias, em dois momentos: 1994-2003.

Participaram desse estudo quatro adolescentes de Novos Alagados, caracterizados por serem: a) do sexo masculino; b) com idade entre 15 e 18 anos no início do estudo; c) com experiência de trabalho nas ruas da cidade e na favela; d) participantes de projetos sociais; e) todos apresentavam habilidades musicais.

A área de estudo: Novos Alagados

Novos Alagados é uma favela urbana do Subúrbio Ferroviário de Salvador, com cerca de 15.000 habitantes, que tinha por principal característica a existência de palafitas sobre o mar, numa área de antigos manguezais. Alguns marcadores importantes da área podem ser assim resumidos: 1970/76 - Início da invasão da área do mar com as palafitas, após a construção da Avenida Afrânio Peixoto (Suburbana), no início da década de 1970; 1980 – forte presença de mobilização comunitária; 1990 - Início da urbanização da área e erradicação das palafitas com intervenção governamental; e na década de 2000 se dá o aparecimento de diversos projetos sociais.

Quadro teórico conceitual

Para uma discussão mais ampla referente à adolescência em situação de risco psicossocial utilizamos as noções de processos psicossociais de exclusão e desqualificação social (WANDERLEY, 2001; PAUGAM, 2001, 2003), que indica os mecanismos de exclusão a partir da noção de nova pobreza. Buscando mapear o contexto de desenvolvimento dos adolescentes no espaço da favela urbana utilizamos a Ecologia do Desenvolvimento humano em contexto (BRONFENBRENNER, 1979/1996) e a Rede de Significações (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM e SILVA, 2004), que apreende os significados atribuídos pela pessoa no contexto de desenvolvimento. Pela natureza da pesquisa, realizada longitudinalmente, analisando os quatro casos aqui estudados, um dos conceitos centrais refere-se à noção de trajetórias de desenvolvimento - “pathways” (CROCKETT, 1995), que possibilita apreender o trânsito dos adolescentes no espaço de nove anos (1994-2003). Procurando indicar a dinâmica do contexto como favorecedor ou não de desenvolvimento, utilizamos os conceitos de fatores de risco e proteção e estruturas de oportunidade e Redes de apoio social - e afetivo (BRITO E KOLLER, 1999), que interagem continuamente fornecendo elementos de suporte ou risco aos adolescentes.

A adolescência brasileira: entre o risco e o desconhecimento

A adolescência brasileira vem emergindo nas ciências humanas e sociais como objeto de uma grande multiplicidade de estudos, que buscam dar conta das suas singularidades e mesmo das situações e contextos onde se configura essa realidade psicossocial.

Apesar da variada quantidade de estudos não há um consenso nem quanto à definição de um padrão do que é ser adolescente típico, nem com relação à natureza e prevalência dos fatores de risco encontrados pelos adolescentes situados historicamente na contemporaneidade.

Desse modo, o interesse dos pesquisadores em adentrar os caminhos e meandros da adolescência em situação de risco psicossocial, devido à sua amplitude e complexidade, tem sido uma tentativa, superando o desconhecimento, ainda evidente, de caracterizar essa adolescência brasileira que se encontra nas ruas, nas favelas, vivendo em condições adversas de desenvolvimento.

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano, parte do ciclo vital, que tende a uma universalização, mas, ao mesmo tempo, mantém suas particularidades em cada pessoa e em cada contexto onde ela está inserida e sendo experienciada.

A adolescência, assim como atualmente a concebemos, é uma construção sociocultural e psicológica recente (ARIÈS, 1981; PALÁCIOS,1995), que só nos últimos séculos se constituiu como fenômeno assim caracterizado, na Europa e no mundo ocidental particularmente.

A demarcação da adolescência pode ser considerada, também, ainda fluida, embora muitos estudos tenham tentado mapear e discutir suas características.

Começa a existir certo consenso, entre as Ciências Sociais e a Psicologia, de que a adolescência não pode ser definida somente em termos de mudanças biológicas, mas sim como um complexo processo de desenvolvimento psicossocial, caracterizado por importantes mudanças nos mais diversos níveis, desde a socialização até a inserção em âmbitos característicos da vida adulta, pautados sobre novas responsabilidades sociais, culturais e afetivas.

Embora haja essa possibilidade de compreensão da adolescência como uma transição e um movimento entre a infância e a adultez, começa a se desvelar, na literatura, uma percepção da importância da adolescência enquanto etapa de desenvolvimento em si, não uma passagem de uma fase a outra, como se fosse a adolescência um vácuo entre essas duas etapas do ciclo vital (SILVA E HUTZ, 2002).

Há uma dificuldade - e mesmo controvérsias - quanto à delimitação etária (início e término) da adolescência nos discursos da Psicologia e das Ciências Sociais. Por exemplo, é importante acentuar a existência de fronteiras e desconhecimento sobre a demarcação etária da adolescência e da juventude, sendo duas categorias díspares, mas ao mesmo tempo complementares.

A Organização Mundial de Saúde, para efeito de demarcação, mesmo existindo divergências, considera a adolescência e a juventude, do ponto de vista etário, cada qual com suas especificidades (WAISELFISZ, 1998: 17). Suas definições oferecem, de certo modo, essas distinções:

“Para a OPS/OMS a adolescência constituiria um processo fundamentalmente biológico durante o qual se acelerariam o

desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrangeria as idades de 10 a 19 anos, divididas nas etapas pré-adolescência (de 10 a 14 anos) e adolescência propriamente dita (de 15 a 19 anos). Já o conceito de juventude resumiria uma categoria essencialmente sociológica, que indicaria o processo de preparação para os indivíduos assumirem o papel de adultos na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional, estendendo-se dos 15 aos 24 anos”.

Alguns autores fazem uma crítica à fundamentação etária da adolescência brasileira postulada entre os 12 e os 18 anos, como a que vige nos termos legais do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Silva e Hutz (2002: 155) pontuam a abrangência da adolescência, indicando suas imprecisas demarcações etárias e estáticas, sugerindo um conceito mais amplo, onde “a adolescência é um período de fronteiras nem sempre demarcadas com o rigor que se espera. Ela existe em uma tênue rede de experiências e processos que varia de pessoa para pessoa, cada qual constituindo o seu processo de formação nas interações com os contextos de desenvolvimento disponíveis”.

Sudbrack (2003), discutindo a adolescência brasileira como um fenômeno polissêmico, com propriedade vai acrescentar ao conceito de adolescência a noção de uma adolescência múltipla e diversa, utilizando para isso o termo “adolescências brasileiras”, procurando, assim, dar conta dessa diversidade regional do Brasil, por ser a adolescência um fenômeno mais amplo, universal e heterogêneo. Com essa expressão - adolescências brasileiras - a autora amplia o campo da discussão sobre a variabilidade da adolescência como etapa do desenvolvimento na qual o sujeito está, todo ele, implicado na sua construção e manifestação.

A adolescência vulnerável: a situação brasileira

Os estudos sócio-antropológicos sobre a adolescência têm valorizado e discutido os impactos dos fatores de risco, a exemplo da violência em suas diversas manifestações, assim como as características da exclusão, processos de marginalização, pobreza e abandono, focalizando as vulnerabilidades dos indivíduos que se encontram nesta etapa de desenvolvimento do ciclo vital.

Começamos, assim, a compreender a gravidade dos altos índices de riscos e susceptibilidade aos quais estão expostos os adolescentes, particularmente aqueles que habitam áreas periféricas, ou com situação social definida pela pobreza e exclusão. A literatura vem abordando, além das violências, as questões envolvidas na formação de gangues e “galeras”, no abuso de drogas, na exploração do trabalho infanto-juvenil, (ABRAMOVAY et. al., 2002; NOVAES, 1997; SADIGURSKY,

1999; MINAYO, 2002).

Os relatórios das agências internacionais (ABRAMOVAY ET.AL. 2002; CASTRO, 2001; WASELFISZ, 1998) sobre a situação da infância e adolescência e a série de pesquisas realizadas em várias capitais brasileiras como Curitiba, Fortaleza, Brasília, Salvador, dentre outras, começaram a estabelecer um conhecimento necessário para a promoção dos direitos garantidos pelo ECA (BRASIL, 1990) aos adolescentes e mesmo a formulação de políticas públicas voltadas para estas parcelas da população.

Estes estudos, levando em conta um significativo volume de informações, têm se erigido, nos últimos anos, com um misto de informação e denúncia diante das exposições dos adolescentes brasileiros a condições de risco.

Castro e Abramovay (2002: 162) discutem as “juventudes”, compreendidas na faixa etária dos 15 aos 24 anos, em situação de pobreza, suas vulnerabilidades, analisando depoimentos dos adolescentes e pessoas co-partícipes de seus universos. Seus resultados mostram as susceptibilidades às quais estão expostos os jovens, dentre elas a violência, expressa particularmente através do registro de mortes por causas externas.

Dimenstein (1995a; 1995b; 2000) aparece como um precursor dessa forma de abordagem que alia informações sobre a situação da adolescência brasileira em situação de risco à apresentação, de forma sistemática, de denúncias de como são negados os direitos humanos fundamentais aos adolescentes pobres do Brasil, particularmente nas situações de violência, extermínio, prostituição e tráfico de drogas.

Uma dessas denúncias promovidas pelos estudos de Dimenstein refere-se à existência dos grupos de extermínio no território nacional: suas características, estrutura e práticas. Em geral impunes, os grupos de extermínio, têm sistematicamente, vitimado as populações pobres de nossas cidades, de forma muito particular os jovens.

De modo mais localizado, a Antropologia tem buscado mapear a adolescência contemporânea, os contextos de risco em que se insere, e seu mundo de cultura, particularmente a das grandes cidades e centros urbanos brasileiros.

Milto e Silva (1995) e Ataíde (1993), utilizando a observação participante, o registro do cotidiano, a história oral, abordam a adolescência em situação de rua no Rio de Janeiro e em Salvador, preocupando-se, num primeiro momento, com o conhecimento dos discursos e das suas práticas, buscando compreender suas trajetórias de vida através das mais diversas dimensões, dentre elas as relações dos adolescentes com autoridades policiais, outros moradores das ruas e educadores de projetos sociais.

Vianna (1997; 2000) aprofundou o conhecimento da dinâmica da cultura funk como forma de expressão e identidade cultural da adolescência-juventude carioca. Uma das contribuições desses estudos foi possibilitar o conhecimento de

uma manifestação cultural e mesmo dos territórios de trânsito dessa juventude, particularmente aquela que se caracteriza pela formação de “galeras”.

O autor, pelo fato de ter sido pioneiro no estudo da emergência dos bailes funk cariocas, passou a ser identificado pela imprensa do Rio de Janeiro, como uma espécie de anfitrião e “tradutor” desse contexto cultural urbano, fazendo uma certa mediação entre a Zona Norte e a Zona Sul, onde os bailes funk aconteciam. Descortina, assim, toda uma gama de informações e desmitifica preconceitos, gerando novos conhecimentos sobre o fenômeno, a partir de uma etnografia centrada na proximidade e na frequência a bailes e enfocando pessoas de referência para essa cultura local.

Zaluar (1997^a: 44-8) analisa a emergência, no cenário brasileiro, das organizações formadas por jovens e sua conseqüente relação com a violência e o uso de armas, promovidas por mudanças estruturais, de ordem econômica e cultural, particularmente na eclosão das favelas cariocas. Uma diferenciação importante apontada por esse estudo vai ser a demarcação dos ajuntamentos de jovens e adolescentes de uma metrópole urbana – quadrilhas e galeras - com os seus variados escopos, alcançado, assim, uma caracterização dos modos de interação dessa juventude.

As “quadrilhas” são compostas por um número relativamente pequeno de pessoas, em geral jovens, que se organizam com a finalidade de desenvolver atividades ilegais para o enriquecimento rápido de seus membros; a [galera] junta os jovens de um mesmo bairro para atividades recreativas, principalmente o baile funk, consolidado no cenário musical carioca justo no final da década de 70, quando as quadrilhas começavam a espalhar o seu império nas favelas.

Os adolescentes nas favelas baianas

Os estudos sobre os adolescentes em favelas baianas têm abordado, em especial, a questão da violência, da marginalização, das situações de risco e vulnerabilidade e as significações atribuídas pelos adolescentes ao seu cotidiano.

Machado e Taparelli (1996) analisaram a situação de jovens delinquentes em favelas de Salvador, a exemplo de áreas como Novos Alagados, no Subúrbio Ferroviário, onde aparece a vulnerabilidade adolescente, a violência policial e comunitária, assim como a entrada desses jovens em trajetórias de crimes, caracterizadas pela participação em quadrilhas, o uso e a posse de armas e mesmo a prática sistemática de furtos. Estudos como esse apontam para uma análise de cunho etnográfico-descritivo que valoriza as interlocuções entre os pesquisadores e os sujeitos, buscando desvelar o mundo de cultura destes adolescentes e de outros moradores, a partir da percepção destes diante de fenômenos como a violência e o preconceito racial relacionado à pobreza e desamparo governamental. Os autores

vão apresentar as características da violência juvenil, infração e morte nas quadrilhas de Salvador, apontando, primeiro, a questão da desigualdade social e da violência em uma cidade considerada poética e festiva na mentalidade comum. O estudo descreve uma constante e complexa realidade que envolve a delinquência juvenil e a formação de quadrilhas por adolescentes em situação de pobreza, habitantes das favelas soteropolitanas. Através da escolha de 25 adolescentes, com idades entre 14 e 22 anos, participantes de uma quadrilha da periferia urbana de Salvador, os autores analisaram os usos da violência e os confrontos com a polícia, culminando na morte de vários adolescentes pertencentes à quadrilha analisada.

Machado, Noronha e Cardoso (1997: 226) analisaram a brutalidade policial, preconceito racial e controle da violência em Salvador, focando a análise nas falas de moradores da área de Novos Alagados, subúrbio ferroviário de Salvador, caracterizando a violência policial contra essas populações. O estudo mostra a relação entre a violência policial e o preconceito racial e econômico, caracterizado pela pobreza, pela moradia em favelas e mesmo pelas singulares características da violência estrutural que vai moldando e reduzindo os espaços de trânsito dos habitantes da localidade. São relatados vários casos de violência contra os moradores como a invasão de casas, prisões, torturas e assassinatos de cunho expiatório. A violência policial “(...) tem uma dinâmica própria, fundada em concepções e políticas social e racialmente discriminatórias, é inevitável que pessoas comuns, inocentes, sejam objeto da brutalidade policial, que não se justifica mesmo contra os chamados “marginais”. Para estes existe a lei, que devia existir para o policial que mata sem motivo legítimo, que humilha, agride, espanca, tortura”.

Alcântara (2001), numa convergência entre a Psicologia do Desenvolvimento e a Saúde Coletiva, focalizou, em seu estudo, adolescentes em situação de risco e os fatores de proteção disponíveis para possibilitar os modos de enfrentamento no contexto da família. O estudo foi realizado em uma favela de Salvador, através de uma abordagem longitudinal, centrada na perspectiva ecológica do desenvolvimento humano, buscando compreender como se dão as interações destes adolescentes com o contexto de risco e seus modos de enfrentamento.

Noções como risco, proteção, vulnerabilidade e trajetória aparecem nesse estudo como marcadores da dinâmica da pessoa-em-desenvolvimento no contexto, sem abandonar a abordagem longitudinal para aprofundar algumas questões.

Os resultados focalizaram os processos proximais como contextos para formulação de projetos de vida dos adolescentes que favorecem os modos de enfrentamento. Houve destaque para a pouca permeabilidade entre os níveis do contexto expresso pelas características do bairro, e o pequeno acesso dos sujeitos à educação, saúde, moradia e trabalho. A violência emergiu como condição adversa principal, ao lado do empobrecimento e da dificuldade de ascensão social das famílias.

Chaves (2001), numa perspectiva culturalmente situada, dentro da Psicologia

do Desenvolvimento, discute e analisa as significações dos adolescentes pobres de uma favela de Salvador, explicitando as formas de interação destes com os domínios do cotidiano, seus modos de vida, identificação dos projetos de vida.

A autora analisa um grupo de nove adolescentes com idades entre nove e treze anos, moradores de favelas de Salvador, “caracterizadas pela violência estrutural e doméstica. Era palco de furtos, roubos, tiroteios, assassinatos, estupros, uso e tráfico de drogas” (CHAVES, 2001: 77).

Como pontos relevantes, o estudo apresenta a existência de adolescências possíveis e caracterizadas pelo contexto onde residem, sendo construídas, neste caso, por

“uma parcela daqueles que vivem em condição de pobreza, o que os diferencia de outras adolescências. O lugar social ocupado por todos os adolescentes os situa residindo em bairros violentos, que espelham também a situação de desemprego e de marginalidade social. A violência tem presença nos lares onde residem: brigas permeando as relações interpessoais na família. Em decorrência de atos violentos, vividos ou presenciados, peculiaridades decorrentes de processos de subjetivação foram relatados por alguns: o medo, a insegurança e a preocupação, estados emocionais emergentes das situações concretas experienciadas. Aparece também a existência de fatores de risco para o desenvolvimento sadio dos adolescentes: Os fatores de risco presentes no meio social onde aqueles adolescentes vivem são fontes de ameaça à saúde, à sua integridade e à de seus familiares” (CHAVES, 2001: 83).

Dentre as lacunas sobre a adolescência reconheço que há poucos estudos que levem em conta uma perspectiva longitudinal de compreensão das transições adolescentes nos ambientes das favelas urbanas brasileiras, e em particular de Salvador, considerando algumas dimensões do cotidiano, compreendidas como fatores de risco e proteção (estruturas de oportunidade) que favoreçam ou não o desenvolvimento dos adolescentes.

Desse modo, o presente trabalho converge para as abordagens aqui delineadas na literatura entre a Psicologia do Desenvolvimento, a Sociologia e a Antropologia, por considerar aspectos da subjetividade, fenômenos psicossociais e percepções dos adolescentes; o contexto social imediato e mais amplo da contemporaneidade urbana, assim como uma postura metodológica que alia o registro sistemático a uma abordagem que se aproxima da perspectiva etnográfica de apreensão do contexto e dos sujeitos, lançando mão de múltiplos instrumentos de pesquisa: entrevistas, observação participante, registros escritos, documentos e fotografias.

Delimitamos, no corpo desse trabalho, a escolha da denominação adolescência e não juventude por considerar o primeiro termo mais abrangente como etapa significativa e fundamental do desenvolvimento humano, em consonância com a Psicologia do Desenvolvimento. Mais claramente, uma noção de

adolescência como construção psicossocial subjetiva, pessoal, tendendo a uma atribuição múltipla do termo, identificando as diferenciações e as características individuais e contextuais como formuladoras de uma síntese, cujo termo mais apropriado e aproximativo poderia indicar a existência de adolescências.

Os cenários por onde transitam os adolescentes em Novos Alagados

Geralmente a favela tem sido percebida como um contexto sócio-cultural onde há acentuadas condições de risco para os adolescentes, tendendo à criação de uma imagem, de certo modo, estereotipada. Analisando os cenários por onde transitam os adolescentes em Novos Alagados encontramos toda uma dinâmica que se configura entre o risco e a proteção dos adolescentes favorecidas por domínios do cotidiano e mesmo do contexto de modo mais amplo. Essa dinâmica, no entanto, se apresenta nos cenários dos mais variados modos. A fim de exemplificar quais os domínios encontrados pelos adolescentes na favela urbana, indicamos alguns mapeados pelo estudo:

O primeiro cenário se refere à forte presença da organização e mobilização comunitária na área de Novos Alagados, indicada pela história e as conquistas dadas por essa mobilização, o que tornou essa favela singular na forma de interagir com o poder público. Os grupos de jovens: (juninos, informais, culturais, folias de reis, teatro), são agrupamentos que surgiram a partir da organização comunitária como espaços de socialização, discussão e convivência, indicando a continuidade dessa mobilização. Sua função parece ser a de introduzir os jovens na dinâmica social da favela. A subsistência dos adolescentes tem se dado através do trabalho informal, como vendedores ambulantes, e em trabalhos envolvendo estética, educação e cultura, neste último com uma forte predominância da capoeira e cultura afro-brasileira, a partir dos aprendizes que se tornam mestres, cuja presença em Novos Alagados é muito forte. Os projetos sociais, associações de bairro, ONGs, creches, reforço escolar, e centros de profissionalização têm aparecido como espaços de proteção aos adolescentes. A vivência da religião se dá em grupos os mais diversos, como os candomblecistas, os católicos, os evangélicos e os sem religião. A música, a percussão, os grupos musicais como espaços de socialização e inserção aparecem como espaços propícios à expressão artística e mesmo o protagonismo dos adolescentes. Cada vez mais a iniciação sexual (heterossexual e homossexual) dos adolescentes vem se caracterizando pela precocidade, exploração e violência, configurando-se como um cenário acentuado de risco ao desenvolvimento dos adolescentes. O Exército aparece como um projeto de vida para os adolescentes, particularmente por conferir certo status e reconhecimento diante dos pares. A violência tem aparecido cada vez mais com uma intensidade e novas formas de expressão. Em Novos Alagados identificamos o “Desterro” como um domínio definido pela exclusão, que retira os adolescentes de espaços por onde eles

transitavam com liberdade e conhecimento. Por fim, identificamos um cenário que se pauta pela negação: o “não lugar” da escola, que seria uma nova configuração da escola que não consegue abarcar as demandas e anseios da adolescência e, que, por isso, tem deixado de ser um espaço promotor do desenvolvimento e de formação. A escola começa, então, a perder espaços para outras iniciativas como os projetos sociais.

As travessias – os casos

O nosso estudo buscou acompanhar a trajetória de quatro adolescentes durante nove anos (1994-2003). Apresentamos uma síntese biográfica dos quatro casos:

1. P.L.S. é um adolescente comunicativo, integrado ao bairro, que teve uma infância marcada pelo trabalho e separação temporária da mãe; é participante de grupos musicais (como cantor) e de projeto social. Tem uma inserção na escola e em diversos trabalhos (com carteira assinada) e foi assassinado após realizar um ato de solidariedade.

2. Para Marvin, a inserção no mundo do trabalho, o projeto social, a insatisfação com a própria residência, o abandono da escola e a separação precoce da família são os traços marcantes da sua trajetória. “Desterro” do bairro para o interior da Bahia, onde constituiu uma família, tendo mulher e filho.

3. Antonico tem uma infância marcada pela separação da família e exploração do trabalho infantil. Na adolescência ele faz encontros significativos com o projeto social e educadores, de onde começa a surgir nele o estabelecimento de projetos de vida ligados ao trabalho, esporte e família. Sua inserção atual é como líder comunitário, capoeirista e educador de projetos sociais.

4. Chico Brito tem uma infância e adolescência marcadas pela pobreza extrema (precariedade da moradia) e violência policial. O adolescente mostra-se com dificuldades de relacionamento com os pais e educadores dos projetos sociais. Tem um talento incomum para a prática musical. Estava em um processo de marginalização associado ao uso de drogas e posse de armas de fogo, sendo assassinado por possuir arma.

A partir de uma análise comparativa dos casos podemos perceber os muitos aspectos considerados nas trajetórias dos adolescentes, indicando a complexidade da experiência que eles vivenciam dentro da favela urbana.

1. Com relação às expectativas, crenças, percepções e sentimentos, os adolescentes estudados têm expectativas de que a escola melhore a vida. O bairro aparece em suas percepções como lugar violento; há um forte sentimento de injustiça na infância; há a presença da crença em Deus e/ou pertencimento a uma religião; uma avaliação positiva da própria vida; avaliação da própria residência,

como um espaço importante para a autoestima do adolescente, e, por fim, o projeto de vida relacionando ao trabalho, constituição de uma família e filhos.

2. As principais experiências dos adolescentes nos domínios e atividades foram as seguintes: trabalhar fora de casa, quer como vendedores ambulantes, quer como ajudantes de adultos do bairro; a participação em projetos sociais; a experiência de tocar em bandas, grupos musicais no projeto social e no bairro; a freqüência e o abandono da escola; as práticas esportivas e as práticas sexuais.

3. Os principais eventos críticos (ou fatores de risco) apareceram no conflito com a escola; na separação precoce da família; na família, quando esta se torna alvo de violência policial, com a prisão de familiares ou morte violenta na família ou mesmo do adolescente. Ser preso, usar ou ser percebido como usuário de drogas e amizades com delinqüentes; “prostituição”, abuso por homossexuais; a violência no bairro e a violência física na família são fatores de risco e eventos críticos que podem levar a rupturas na trajetória de desenvolvimento dos adolescentes.

4. Identificamos o repertório e os talentos dos adolescentes a partir de três tipos de habilidades, relacionadas às habilidades musicais; habilidades esportivas e a presença de iniciativa.

Os principais fatores de proteção que aparecem nas trajetórias dos adolescentes são a mãe como referência; os adultos de referência, encontrados no projeto social; a rede de apoio social disponível (projetos sociais existentes na favela, esporte, educadores portadores de saberes específicos).

Com uma análise comparativa: propomos a síntese das travessias, indicando as singularidades de cada caso.

P.L.S. tem relações ambíguas entre a delinqüência e a inserção social. Apresenta um trânsito por todos os domínios da adolescência em Novos Alagados; é orientado para a inserção em trabalhos com carteira assinada; o seu desfecho não condiz com suas buscas e oportunidades; experiencia muitos eventos críticos.

Antonico tem trânsito por maior número de domínios; poucos relatos de eventos críticos (maior apenas que Marvin); mais habilidades; relacionamento com rede social mais ampla; é mais orientado para o futuro.

Marvin mostra-se à parte dos processos de marginalização e violência, a partir de amizades da infância; sua trajetória orienta-se para e pelo trabalho informal e sustento da mãe e irmãos.

Chico Brito experiencia quase todos os eventos críticos na família e no bairro; tem rede social mais restrita; é menos orientado para o futuro. A sua morte aparece como desfecho de um processo de marginalização e envolvimento com grupos que praticam atos ilícitos.

Considerações finais

Uma das implicações desse estudo foi a compreensão dos fatores de risco e proteção que interagem com a adolescência em situação de risco psicossocial. Nesse sentido, conforme foi indicado pela professora Ana Maria Almeida Carvalho, o que se revela aqui é uma “moldura” que pode indicar novos estudos e mesmo a continuidade das descobertas aqui apresentadas.

Adolescência e fatores de risco

Alguns dos fatores de risco encontrados ao longo do trabalho podem ser identificados pelo “desterro”, como forma de violência, em diversos níveis, desde a separação precoce da família até a expulsão do bairro ou ameaças de morte; a situação familiar (furtos, drogas, espaço reduzido); a favela como lugar desprovido de segurança; a escola como projeto inalcançável; os estigmas relacionados à etnia e formas de vestir; o acesso às drogas na favela, na família e em projetos sociais; as modalidades violentas de iniciação sexual (abuso, exploração); a frequência a lugares desertos (campos, matagais); a ausência de um dos cuidadores; e, por fim, a morte de adolescentes por pares armados.

Adolescência e Fatores de proteção

Dentre os fatores de proteção disponíveis para os adolescentes identificamos a Rede de apoio social, relacionada à presença da mãe, projetos sociais, outros familiares, profissionais (educadores). Organização histórica da favela, sendo que os projetos sociais, vistos enquanto espaços de socialização e proposição de alternativas educativas; a música como forma de inserção, ascensão social e protagonismo; os grupos, como espaço de socialização e encontro; a capoeira, com sua forte presença em Novos Alagados podem ser vista como espaços de inclusão para os adolescentes e os encontros significativos com adultos portadores de saberes específicos, geralmente pessoas ausentes na infância.

Contribuições

Algumas contribuições geradas pelo estudo podem ser direcionadas para a compreensão da adolescência em situação de risco psicossocial inserida no contexto de uma favela urbana.

Nesse sentido, consideramos importante o mapeamento do contexto onde

vive o adolescente em situação de risco psicossocial, com toda a dinâmica que há nesse contexto.

Outra contribuição deve-se ao reconhecimento dos processos de separação precoce dos adolescentes de suas famílias e exposição a situações de risco ainda na infância (exploração, trabalho precoce).

Apareceu nos dados e nas trajetórias o estabelecimento de projetos de vida pelos adolescentes a partir de encontros significativos, com adultos portadores de saberes específicos.

E, por fim, outra contribuição deve-se à percepção da favela enquanto espaço de proteção quando há organização comunitária.

Implicações para a prática

Um trabalho dessa natureza tem a necessidade de gerar indicações e implicações para a prática daqueles que lidam cotidianamente com os adolescentes em situação de risco psicossocial nas favelas urbanas. Nesse sentido, indicamos algumas dessas implicações:

A primeira delas relaciona-se com o acionamento dos fatores de proteção existentes no contexto da favela urbana, desde pessoas de referência a instituições etc.

Outra coloca os projetos sociais enquanto espaços de promoção e encontro com a diversidade cultural e humana.

E, por fim, a necessidade de possibilitar suporte às famílias sem a presença de um dos cônjuges.

Referências bibliográficas:

ABRAMOVAY, Miriam (et. al.). **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília** – Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos. **Modos do Adolescente enfrentar o risco: um estudo longitudinal sobre projetos de vida no contexto da família.** (Dissertação de Mestrado não publicada). Salvador. ISC-UFBA, 2001.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. **Decifra-me ou devoro-te. História oral dos meninos de rua de Salvador.** São Paulo: Loyola, 1993.

BASTOS, Ana Cecília de Sousa. **Modos de Partilhar: a inserção da criança na vida cotidiana da família: um estudo comparativo de casos**. São Paulo: Editora Cabral, 2001.

BASTOS, Ana Cecília de Sousa; ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos; SANTOS, José Eduardo Ferreira. **Novas Famílias Urbanas**. In. (Orgs.) CARVALHO, Ana Maria Almeida; LORDELO, Eulina da Rocha; KOLLER, Silvia Helena. *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento* São Paulo: Casa do Psicólogo; Salvador, BA, Edufba, 2002.

BECKER, Howard. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069. Brasília, 1990.

BRITO, Raquel Cardoso; KOLLER, Silvia Helena. **Rede de apoio social e afetivo e o Desenvolvimento**. In: (Org.). CARVALHO, Alysson Massote. *O mundo Social da Criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CASTRO, Mary Garcia. (Coordenadora) et. al. **Cultivando vidas, desarmando violências: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza**. Brasília: Unesco, 2001.

CHAVES, Evenice. **Significações Atribuídas ao Cotidiano pelo Adolescente Pobre**. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*. São Paulo, 11(1), 71-85, 2001.

CROCKETT, Lisa, J. **Developmental Paths in Adolescence: Comentary**. In: CROCKETT, Lisa J.; CROUTER, Ann C. *Pathways through adolescence: individual development in relations to social contexts*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil**, 9a edição, São Paulo: Ática, 1995a.

___. **Meninas da Noite. A prostituição de meninas-escravas no Brasil**. 12a edição, São Paulo: Ática, 1995b.

___. **Democracia em pedaços: direitos humanos no Brasil**. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

GEERTZ, Clifford. **Works and lives: the anthropologist as author**. Stanford: Stanford University Press, 1988.

___. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

JACOBSON, D. **Reading Etnography**. Albany: State University of New York Press, 1991.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. **Entrevista narrativa**. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MACHADO, Eduardo Paes; TAPARELLI, Gino. **Violência juvenil, infração e morte nas favelas de Salvador.** Caderno Ceas, 165, 1996.

MACHADO, Eduardo Paes; NORONHA, Ceci Vilar; CARDOSO, Fátima. **No olho do furacão: brutalidade policial, preconceito racial e controle da violência em Salvador.** Revista Afro Ásia, 19 – 20, 1997.

MILITO, Cláudia; SILVA, Hélio R.S. **Vozes do meio-fio.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O significado social e para a saúde da violência contra crianças e adolescentes.** In: WESTPHAL, Marcia Faria (Org.) *Violência e Criança.* São Paulo: EDUSP, 2002.

PALÁCIOS, Jesus. **Introdução à psicologia Evolutiva: História, Conceitos Básicos e Metodologia.** In: COLL, Cesar; PALÁCIOS, Jesus; MARCHESI, Álvaro (Orgs.). *Desenvolvimento Psicológico e Educação: psicologia evolutiva.* Vol. 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PAUGAM, Serge. **O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais – uma dimensão essencial do processo de desqualificação social.** In SAWAIA, B. (Org). *As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social.* Petrópolis: Vozes, 2001, pp.67-86.

___ . **Desqualificação social – ensaio sobre a nova pobreza.** São Paulo: Educ-Cortez, 2003.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIN, Katia de Souza; SILVA, Ana Paula Soares; CARVALHO, Ana Maria Almeida (Orgs.). **Rede de Significações e o estudo do desenvolvimento humano.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

SADIGURSKY, Clésia Andrade. **Vitimização sexual em crianças e adolescentes. Os profissionais de saúde e os aspectos legais.** Salvador: Edufba, 1999.

SANTOS, Mirela Figueredo. **Com a palavra o adolescente: Ressignificando trajetórias de risco num espaço de fronteiras.** Uma experiência em Educação para a Saúde. Dissertação de mestrado não publicada. Salvador, UFBA –ISC, 2000.

SAWAIA, Bader.(Org.). **As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, Débora F.M. da; HUTZ, Claudio. **Abuso infantil e comportamento delinqüente na adolescência: prevenção e intervenção.** In: HUTZ, Cláudio (org.). *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

SUDBRACK, Maria Fátima O. **Relatório da situação da adolescência brasileira.** UNICEF, 2003.

TEDLOCK, B. (2002). **Ethnography and ethnographic representation.** In DENZIN, N & LINCOLN, Y.(eds.) *Handbook of qualitative research.* Second Edition. London: Sage Publications Inc.

VIANNA, Hermano (org.). **Galerias cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997a.

- ___ . **O mundo funk carioca.** 2a edição. Jorge Zahar editor: Rio de Janeiro, 1997b.
- ___ . **O funk como símbolo da violência carioca.** In: VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos (Orgs.) Cidadania e violência. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Editora FGV, 2000.
- WAISELFISZ, Jacobo. **Mapa da violência: os jovens do Brasil. Juventude, violência e cidadania.** Rio de Janeiro: Garamond, 1998.
- WANDERLEY, Mariangela Belfiore. **Refletindo sobre a noção de exclusão.** In: SAWAIA, Bader (Org). As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social. Vozes: Petrópolis, 2001, pp. 16-26.
- ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza.** Brasiliense: São Paulo, 1985.
- ___ . **Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência.** In: VIANNA, H.(org.) Galeras cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997a.
- ___ . **Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas.** In Revista brasileira de Ciências Sociais, v.12, n.35, São Paulo, 1997b.
- ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. **Violência extra e intramuros.** Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol.16, n.45, São Paulo, 2001.